

# *Seres do Aprender*

*Carlos Rodrigues Brandão*



***Este escrito foi originalmente  
um capítulo de livro  
ou um artigo publicado ou utilizado  
para aulas e palestras.  
Nesta versão “nas nuvens”  
ele pode ser livre  
e gratuitamente acessado  
para ser lido ou utilizado  
de alguma outra maneira.  
Livros e outros escritos meus  
podem de igual maneira  
ser acessados livremente em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
ou em  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***

***somos, porque aprendemos, aprendemos, porque sentimos***  
*(guia deste trecho do caminho: Humberto Maturana)*

Somos seres humanos não porque sabemos e somos racionais. Somos humanos porque aprendemos e somos seres de sentimento (sabemos porque sentimos), da consciência reflexiva (sabemos e sabemos que sabemos, e sentimos que sabemos o que sabemos) e da aprendizagem (aprendemos o que sentimos e aprendemos a saber dar sentido ao que sentimos)

Aprendemos sempre, talvez antes de sairmos de dentro do corpo que por nove meses nos nutriu e abrigou e virmos conviver com outras pessoas e a vida, o “corpo do mundo”. E, daí em diante, podemos estar sempre aprendendo. Não há limites etários ou de outra natureza para o crescimento da aprendizagem humana. Ao contrário de outras espécies de seres com quem compartilhamos a experiência da Vida na Terra, depois de aprendermos o essencial para sobreviver, podemos seguir aprendendo de maneira inacabável o essencial para viver e o essencial para conviver. Aprender é infinito. Sentir e saber, também.

Aprendemos a saber, sabemos que aprendemos e sabemos o que aprendemos porque sentimos o que sabemos. E é porque a nossa sensibilidade dá sentido ao que sabemos, assim como o que sabemos nos faculta estabelecer significados para o que sentimos, que podemos aprender e podemos prosseguir nossas vidas vivendo situações interativas conosco mesmos (a auto-reflexão), com os nossos outros e com a Vida, através de reciprocidades de ensinar-e-aprender. E podemos viver interativamente porque somos seres do aprender e da emoção

A vivência complexa e sempre aperfeiçoável da emoção é a origem e o destino da experiência de ser humano. A emoção é a origem e o destino do aprendizado humano. A mente e o pensamento acompanham a emoção e existem para continuamente atribuir sentido ao que sentimos. Em uma relação interior e interativa sempre recíproca, é o que sentimos e o como sentimos quem guia o que pensamos. Mas é pensando o que sentimos e vivemos que atribuímos significado a nós mesmos e às nossas vivências.

Assim sendo, se podemos sentir o sentimento da *paz* entre nós, e se de algum modo sentimos que temos a *paz* dentro de nós, pensamos pensamentos que dizem palavras e atribuem sentido à *paz* que sentimos, que convivemos entre nós e que temos dentro de nós. Isto não é uma ilusão. Ilusão é pensar que algo assim não pode existir nem em nós nem entre nós. Mas se, ao invés da *paz* sentimos em nós e sentimos entre nós o medo que, bem mais do que o ódio ou o desamor, é o oposto sentimento oposto à *paz*, então buscamos palavras e teorias que justifiquem para nós e entre nós (ou contra nós) o nosso medo do

outro. Um medo disfarçado sob a forma de nossas razões para sentimento e as ações do desamor

O curso que a vida humana segue é o da emoção que orienta a própria interação entre ela e a nossa mente, a nossa razão. E a própria mente humana não é somente a sua razão. Emoções não são sentimentos piegas e passivos. Emoções são dinâmicas espirituais-corporais que orientam, motivam, e dirigem as ações interior, interativas e sociais que realizamos a cada instante, em cada situação conectiva de reciprocidades vividas em qualquer círculo de relacionamentos conosco mesmo, com um outro e com os outros de nossa vida. As emoções que vivemos e que sentimos não são percebidas e vivenciadas apenas pelo *que* sentimos e pelo *como* as sentimos ao vive-las. Elas são percebidas e vivenciadas por nós e pelos outros com quem estamos em um momento de interação, através do domínio das ações reais, concretas e sempre, de algum modo, geradoras de respostas recíprocas, com as quais pelas quais as sentimos, e que as constituem a própria maneira compreensível e comunicável de como algo é sentido e é significado por nós e entre nós.

Sentir é aprender a sair de si mesmo. Saber é sentir o sai de si mesmo. Aprender é saber e sentir com o outro, com os outros de nossas vidas.

### ***a saída de si: a busca do outro e o “entre nós”***

*(guia deste trecho do caminho: Martin Buber)*

Toda a emoção e todo o pensamento significativo surgem e ganham sentido em contextos que vão do interior (eu comigo) ao interativos (eu com um outro) e ao recíproco, o coletivo, o solidário, o social (nós entre os outros). Todos estes contextos de reciprocidades envolvem pares e conjuntos de pares relacionais assim: *eu-me*, *eu-outro*, *eu-mundo*, *eu-isso*.

Com ou sem as palavras que digam as idéias do que sentimos quando interagimos entre silêncios, gestos, palavras e frases, as nossas relações *eu-me* são as que vivemos no diálogo conosco mesmos. E assim podemos proceder porque somos os seres da Vida que se desdobram em um *eu* e um *me*. Uma instância de nós mesmos que sente, pensa e age, e uma instância que se sente e pensa sentindo, pensando e agindo. Podemos pensar que somos também um *mim* (o *eu* do *me* que vai comigo) e somos até mesmo um *migo* (aquele que carrega o *me* do *mim*). Talvez seja pensando nisto que Gaston Bachelar disse um dia: *estou só, logo somos quatro*.

As relações *eu-tu* são as que vivenciamos quando nos relacionamos com um outro, como uma outra pessoa inteira e vivida por mim em-si-mesma. Uma pessoa que se relaciona conosco como uma inteira outra pessoa. As relações *eu-mundo*, que é também uma relação *eu-vida*, são as que vivemos quando nos sentimos ligados à, recíprocos com e, de um modo

ou de outro, em comunhão com a vida e os seus seres, e com o mundo, o cosmo e o seu todo.

A interação *eu-isso* é a face oposta das outras três. Ela existe quando me tomo a mim mesmo, quando tomo o meu outro e quando tomo a vida e o mundo como objetos de relacionamentos vividos como experiência e interesse e, não, como relação e intervivência. A interação *eu-isso* se impõe a mim e ao outro com quem me relaciono, quando saio do *círculo do dom* e ingresso no *circuito da posse*. Quando eu o experiencio em meu proveito, ou invés de vive-lo como uma experiência recíproca e gratuita. Ela me domina e ao outro quando abandonamos uma troca gratuita e generosa de *sensações* (a percepção de quem é o outro e do que ele representa para mim), de *sentimentos* (as emoções vividas diante de uma outra pessoa), de *sentidos* (a representações que me faço a mim mesmo e ao outro ao vive-lo em uma interação), de *significados* (os saberes e valores de minha cultura através dos quais integro os meus sentidos em visões de vida e de mundo), de *serviços* (o intercâmbio dos gestos afetivos e efetivos do diálogo) e de *sociabilidades* (os mundos sociais que criamos quando fundamos e estabelecemos algo através do diálogo). Uma outra pessoa e eu nos perdemos da relação *eu-tu* e ingressamos na relação *eu-isso*, quando nos afastamos de uma interação vivida como comunicação, e ingressamos no domínio do relacionamento regido pelo interesse e utilitariamente vivido em seu nome. É quando eu mesmo, meu outro, a vida e o meu mundo deixam de ser sujeitos de minha vivência (de nossa inter-vivência) de uma relação e nos transformamos, um para o outro, em objetos de uma experiência funcional de relacionamento.

Em todos os momentos da vida e em todas as situações em que uma pessoa se reconhece em uma interação com ela mesma, com uma outra pessoa, com um grupo de pessoas, com outros seres da Vida, com a Vida como um todo, com o seu mundo, com o sentimento do universo, essa pessoa pode viver a interação como uma relação. Esta é uma interação entre seres experimentados como sujeitos. Não apenas uma outra pessoa qualquer é meu sujeito, mas outros seres da vida, a vida em seu todo, a natureza e a própria Terra onde vivo, onde nós e outros seres da vida compartilamos a experiência recíproca e interdependente da própria Vida. Viver a Vida é estar em comunicação com todos os seres e dimensões em que ela se realiza.

E esta comunicação interior, interativa, social e mesmo cósmica começa, vimos já, na interação entre uma pessoa e ela mesma e, a partir daí, com todos os seus outros como uma complexa e polissêmica (ela fala várias línguas sociais) reciprocidade do tipo: *eu-outro*. Em direção oposta, sabemos que uma pessoa pode até mesmo converter-se em um objeto-para-si-mesma.

A aceitação de si, do outro e da Vida como sujeitos de relação gera e fertiliza trocas de emoções, sentidos. Saberes, etc, onde o *outro* - o “me” de meu “eu”, o meu outro, a minha vida, os seres com quem comparto a Vida, o meu mundo - são considerados e são tratados como um outro sujeito. Em direção oposta. toda a interação em que um dos pólos é tornado um objeto de interesse, de meu-uso, de minha expectativa de ganho e de lucro, e de uma conseqüente manipulação, corre o risco de vir a ser um relacionamento em que, ao transformar quem-está-diante-de-mim eu um objeto-para-mim, eu me torno também um objeto para os outros.

### ***A reciprocidade vivida como amor***

*(guias deste trecho do caminho: Humberto Maturana e Martin Buber)*

O nome mais reconhecido (e talvez o menos compreendido) entre nós daquilo por meio do qual um domínio de interações entre *eu* e uma *outra pessoa* é vivido como uma relação em que *eu* e o *meu outro* nos encontramos como dois sujeitos, como um legítimo *eu-em-si* para o *outro* no acontecer de uma convivência, é *amor*.

Tal como acontece com a *emoção*, tomada em seu sentido mais amplo e abrangente, da mesma maneira podemos compreender o *amor* não como um sentimento passivo e auto-referente, mas como um princípio do ser, do sentir, do interagir e do viver: ativo, interativo, efetivo (ele gera acontecimentos reais), gratuito e recíproco (amor gera e atrai amor).

As outras palavras-de-sentido que dizem em que campos de vivências o *amor* existe são: amorosidade (a palavra imediata que dele deriva), gratuidade, generosidade, partilha, caridade (dos cristãos e outros), compaixão (dos budistas e outros) , solidariedade, cooperação, criatividade, co-responsabilidade e liberdade.

A emoção geradora de ações de negação da vivência interativa do *amor* não é propriamente o *ódio*. Pois o ódio às vezes é apenas um amor que perdeu o seu rumo e esqueceu o seu sentido original. A emoção oposta ao amor é o interesse. E é quando o colocamos como a fonte de nossas ações no encontro com o outro que saímos do campo das ações entre dois sujeitos livres, amorosos, apaixonados (plenos de verdadeira compaixão empática um pelo outro), gratuitos, cooperativos, generosos, livres e criativamente interativos. E uma emoção sempre ligada ao interesse é o medo. Quero ganhar, quero reter, quero conquistar, quero lucrar e acumular, quero “levar vantagem”, porque tenho medo de perder. Porque temo perder-me.

Saímos, como desejo do ganho e do interesse, do caminho da aceitação do outro como sujeito de meu conviver no amor, e ingressamos no campo das ações entre seres relacionados como um objeto, um para o outro. E este é o meio pelo qual deixamos de ser

seres situados no campo das reciprocidades entre pessoas e seres livres. Pois só se é livre quando se é, para si mesmo e para o outro, um pleno sujeito. Uma pessoa cujo sentido original de vida e de convivência nunca está situada, de maneira predominante, no interesse utilitário. Não está no lugar onde a pergunta-chave é: "o que você vale para mim?". Mas busca estar no lugar da pura comunicação. Ali onde a pergunta-chave é: "em que você e eu nos encontramos para não vivermos mais do que o puro e livre encontro entre nós". Interações regidas pela emoção que faz do interesse a razão da ação, são dominadas pela utilidade, pelo egoísmo, pela sujeição, pela concorrência, pela rigidez não-criativa, pela competição e pela negação da liberdade, como força motriz da interação.

Malgrado tudo, somos seres humanos. E podemos acreditar que em nosso estado original e na plenitude da experiência de nosso ser, somos seres originado do *amor* e convocados a ele. Somos pessoas destinadas a criar interações, momentos de vida, partilhas de cotidiano e história de povos e de mundos regidos/as pelo amor e dirigidas/os a ele. Somos seres vocacionados a uma história amorosa construída pela cooperação e, não, pela competição.

Estabelecer qualquer campo de relações entre pessoas – do contexto de um namoro ou de uma família ao de toda a humanidade - sobre o princípio da competição não equivale a contrapor-se a uma "visão romântica e utópica sobre a pessoa e o mundo", a partir de uma "visão racional e realista". Ao contrário, tudo o que nos afasta da vocação original de sermos seres do *amor* significa pensar a Pessoa, a Vida e o Mundo a partir do que não é nosso em nós mesmos e entre nós mesmos. Somos seres pertencentes à solidariedade e à cooperação, não ao interesse egoísta e à competição. Somos destinados ao encontro solidário entre sujeitos e, não, à agressão competitiva entre seres tornados objetos um para o outro.

Tudo o que não é o *amor* em nós, não é o nosso "outro lado". Tudo o que o amor não acende e clareia em nós não é o nosso lado de sombra. É a ausência do que originalmente é nosso em nós mesmos: é a nossa doença. É o desvio do rumo do caminho que somos destinados a ser e a percorrer. Tanto é assim que adoecemos, interior e interativamente, quando somos obrigados a conviver em contextos de relações com nossos outros, onde o afeto da emoção do amor não rege o que está acontecendo. E, assim, onde a emoção do *amor* não dirige o que estamos criando. Só o amor nos salva de não sermos enfermos. Sem a experiência da vivência cotidiana do *amor* não vivemos apenas mal: no correr do tempo, nós não sobrevivemos.

### **do Eu ao Nós e do Nós à Vida: a vocação do aprender**

(guias deste trecho do caminho, Humberto Maturana, Martin Buber e Paulo Freire)

Antes de qualquer técnica de trabalho, antes de qualquer metodologia em qualquer campo do encontro entre pessoas, o que de fato importa é o “clima” que se cria no momento e no lugar em que este encontro acontece. O que nos desafia é o aprendermos a construir contextos de relações ou cenários humanos amorosamente culturais e fundados entre reciprocidades livres e gratuitas entre pessoas. Parece ser um sonho romântico, mas é apenas a condição de sobrevivência de Nós, da Humanidade e da Vida.

Tudo aquilo que chamamos de “problemas de aprendizagem”, de “questões de indisciplina”, de “bloqueios ao crescimento”, é antes de mais nada algo relativo à ausência do amor no espaço da convivência. É devido à sua ausência ou à desproporção entre a emoção do amor e das emoções-e-ações interativas derivadas deles, e a predominância de emoções regidas pelo interesse utilitário, a competição e a agressão. Agressão, o interesse e a competição. As pessoas resistem a isto enquanto podem e como podem. Resistem mais ainda quando são crianças e adolescentes. Mas não resistem ao amor, não resistem a ele e ao que o amor cria, quando se vive as ações que ele gera.

São múltiplos e muito diversos os contextos dos atos e os cenários dos gestos do encontro entre pessoas, quando vividos como uma comunicação no diálogo entre sujeitos, ou quando tornados trocas de informações regidas pelo interesse de uma pessoa sobre uma outra. Nas duas pontas, os seus extremos puros são quase inexistentes, de tão raros. Mas, entre eles, qualquer instante de uma vivência a dois, até mesmo na brevidade de se cruzarem numa esquina, pode envolver um deles. Tomando como exemplos o que nos é mais conhecido, podemos pensar os cenários interativos dos encontros assim: a) aqueles em que se **faz**, como quando pessoas se reúnem para edificarem algo útil, juntas, tal como o começar a construir a casa onde se vai viver; b) aqueles em que se **cria**, como quando se constrói a casa com um sentido de harmonia, de beleza e de dedicação a alguma coisa que se edifica com um sentido maior do que o da utilidade de se vender ou apenas morar na casa; c) aqueles em que se **aprende**, como quando entre pessoas há uma intenção da vivência de trocar gestos e sentidos e, assim, fazer com que habilidades, conhecimentos, valores e outros símbolos e significados da vida cultural sejam intertrocados em situações de ensinar-e-aprender; d) aqueles em que se **celebra**, e eles são os festejos, os ritos, os rituais, as consagrações, as celebrações, como quando pessoas se reúnem para se dizerem e aos outros quem elas são, em que elas crêem, como elas vivem e querem viver, o que elas esperam, o que elas festejam, o que lembram, o que elas desejam que perdure ou seja mudado, ou ainda, quem são aqueles seres – deus, deuses, seres de poder, heróis, pessoas

do lugar - em nome de quem se realiza e comemora tudo aquilo, e o que se espera que eles sejam ou venham a ser, que eles criem ou venham a criar:

d) aqueles em que se **joga**, como quando pessoas ou grupos de pessoas se colocam frente a frente, e se encontram e se enfrentam, e a partir de como competem entre elas, ou entre elas cooperam para criarem algo juntas, gerando resultados que por algum momento demarcam entre elas a desigualdade ou a diferença.

Sendo seres que saltaram do sinal ao símbolo e da natureza para a cultura, nós nos tornamos o que somos agora: somos seres da linguagem. Quando criamos ao nos tornarmos humanos um mundo de *cultura* no interior do qual vivemos o sermos também seres da *natureza*, estabelecemos entre nós sistemas muito complexos e variados de comunicação de emoções e de idéias.

Qualquer que seja o contexto de uma interação entre pessoas, o que se vive ali, sempre de algum modo é vivido através da intercomunicação de/atraves de alguma linguagem. Mesmo quando em silêncio, de alguma maneira as pessoas se falam. O outro que me vêm à emoção e ao pensamento, vem a mim também através das palavras. Palavras e frases, intervalos e sons de sentido com que, ao dizer a mim mesmo e a ele algo sobre ele e sobre eu mesmo, eu crio sentidos e significados que traduzem para mim, para ele e para nós dois as emoções que vivo ao me relacionar com ele. Existimos em um mundo natural onde vivemos nossas vidas pessoais, interativas e sociais. Um mundo natural percebido por nós através do nosso habitar uma cultura e dialogar através de uma língua e de uma ou algumas linguagens.

Toda a atividade humana conduzida por emoções e complexos de sensibilidades, e por pensamentos e complexos de idéias, ocorre em e entre conversações. Ocorre entre entrelaçamentos de linguagens – os gestos de dizer, ouvir e compreender – gerados por emoções e conduzidos por emoções compartilhadas. Toda a separação entre a linguagem que conduz o pensamento e a emoção a que sempre a linguagem se dirige para buscar sentidos e atribuir significados, resulta em uma quebra da comunicação plena da pessoa com ela própria e da interação entre as pessoas. Resulta, também, em um empobrecimento da possibilidade humana de conhecer e de compreender. Pois não conhecemos e nem compreendemos a fundo apenas com palavras, com idéias e com a mente, mas compreendemos com gestos, com imagens e com o coração.

*Conhecer e aprender* dependem bastante da emoção com que se vive uma coisa e a outra. Mesmo a experiência mais aparentemente racional é conduzida pelas emoções que são a origem do desejo de conhecer e de e compreender, e que são o principal destino do conhecimento e da compreensão. Pois conheço para compreender e compreendo para dar



sentido às emoções que geram as ações com que interajo comigo mesmo, com os meus outros e com a Vida e o mundo em que vivo.

Emoções como o ódio, a inveja, a agressividade e a competição, limitam e entavam o conhecimento e, bem mais ainda, a compreensão. Apenas o *amor* e os sentimentos derivados dele ampliam a inteligência e tornam ilimitada a nossa capacidade de conhecer e de compreender. A idéia de que só se ama o que se compreende pode ser pensada na direção oposta... e as duas são convergentes: só se compreende quando se ama. Compreendemos plenamente algo quando somos movidos a integrar a compreensão e o que compreendemos no círculo gratuito do *amor* e da liberdade.

Entre pessoas e entre grupos humanos não deveria haver lugar para contextos interativos de conagração e contextos interativos de enfrentamento. E uma maneira muito especial, isto não dever acontecer nos contextos do aprender-e-ensinar, como os da educação. Cada criança, cada adolescente, cada jovem e cada adulto, homem ou mulher, é um ser-em-si. É uma fonte única, irrepelível e válida em si-mesma de saberes e de valores. É um/uma criador/a do seu conhecimento, e a finalidade essencial do seu aprender é o aprofundar a sua capacidade individual, interativa e social de atribuir sentidos harmoniosos às suas emoções. E vive-las cada vez mais como fontes de ações e relação regidas pelo amor. Tudo o mais são complementos e comentários ao gesto essencial de aprender e compreender.

Devemos repetir. Cada pessoa que aprende é, em si-mesma, a fonte e o destino de seu saber. Cada pessoa só realiza o sentido do aprender-a-saber e a saber-e-compreender, quando vive o que aprende e o que sabe e compreende em contextos de diálogo. Tudo o que aprendo, sei e compreendo, serve essencialmente a alargar a minha capacidade de me voltar com amor a Mim mesmo, ao meu Outro (quem quer que ele seja), ao mistério da Vida que comparto com os meus outros (humanos e não humanos) e ao meu Mundo, a começar pela casa-nave, o planeta Terra onde vivo e em que e com quem crio e vivo as minhas relações.

Todo o sentido de competição nos contextos onde se vive a experiência da criação partilhada de saberes e a partilha de diálogos com que cada pessoa e cada grupo de pessoas aprende, nega na origem e no destino o próprio sentido do ato de aprender, acompanhado do ato de ensinar.

Na comunidade aprendente (um nome bem melhor do que “sala de aulas” ou “turma de alunos”) todos têm algo a ensinar enquanto aprendem e todos têm algo a aprender enquanto ensinam. Fora de uma concepção classificatória, utilitária e competitiva, as pessoas não sabem mais-ou-menos. Elas sabem e compreendem de maneiras diversas, diferentes. Assim, tal como em outros planos da vida social, as pessoas não devem ser comparadas

competitivamente através de suas desigualdades, mas devem ser avaliadas cooperativamente através de suas diferenças.

O trabalho pedagógico mais importante de uma pessoa responsável por algum contexto de educação não é ensinar tecnicamente o que sabe a quem não sabe. É criar cenários de respeito pleno pelo outro, de aceitação sem limites das diferenças e de convite fraterno a um trabalho de criação partilhada e amorosamente emotiva de saberes, dentro do qual os diferentes participantes de uma comunidade aprendente se sintam motivados a conviver-e-saber. E assim um lugar de reciprocidades onde todos os participantes se sintam livres e co-responsáveis solidários pelo que se vive, se cria e se faz, ao reconhecerem nos outros não os seus concorrentes no fazer algo através da competição que alarga entre desiguais a desigualdade, mas os seus colaboradores no criar algo que alargue entre diferentes a experiência da originalidade.

Onde todas as pessoas estão pensando a mesma coisa, provavelmente ninguém está pensando coisa alguma. Onde todas as pessoas são condicionadas a sentirem as mesmas emoções do mesmo modo, e a originarem ações de reciprocidade impostas por uma fonte externa à liberdade de suas emoções, não há sentimento, não há interação e não há reciprocidade. Há apenas uma representação imposta de afetos, em um contexto onde a igualdade forçada dos atos e dos resultados torna transparente a desigualdade original entre quem pode dizer como se deve ser e fazer, *versus* quem é conduzido a se comportar para ser e fazer fora ou contra as suas próprias emoções e seus desejos genuínos de interação com o outro. A uniformização forçada de maneiras de sentir, de pensar, de agir e de ser está em geral associada a um contexto regido pelo desamor e pela competição em nome da desigualdade.

Nunca é sobre o *ser* de uma pessoa que se deve agir em qualquer interação. Nunca em um momento de trabalho, de criação, de educação, de rito ou de jogo. Pois não se deve pretender que alguém mude o *ser-como-é* de fora para dentro, e sem que isto seja um movimento interior regido pelo aprendizado pessoal entre a emoção e o pensamento.

É o agir relacional e são as ações interativas do fazer vivido, aquilo sobre o que se pode trabalhar ou intervir. Eu não corrijo quem você é, mas posso ajuda-lo a rever como você é, através do que você fez ou faz, ou através do como agiu em um momento de nossa relação recíproca.

O educador não tem direito algum de inventariar, de classificar e de intervir como uma fonte de poder externo, mesmo que com a melhor das intenções, sobre o *ser* de uma criança. Pois este “*ser*” é o mais sagrado dos territórios humanos. Como educador ele deve criar os contextos de diálogos onde, ao sentir-se amada de maneira incondicional, sendo como é e porque assim é, a criança que aprende se sinta senhora de sua inteira liberdade para sentir,

pensar sobre e re-aprender as suas próprias formas de ser para si-mesma e para com os seus outros. E, em si-mesma e diante dos outros, que ela compreenda o sentido de como age através delas e, então, recrie a experiência autônoma e dialógicas de sua própria pessoa, na convivência fraterna e no aprendizado derivado da troca de sentimentos e de sentidos com/entre as outras pessoas.

*Só o amor nos ensina o dom de amar.*

*Frase de música sertaneja, ouvida ao acaso e sem maiores dados.*